

À
EAV - Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Projetos para exposição individual

Suzana Queiroga

Espaço Pictórico ou Stein und fluss
Dobra do Espaço
Hermes e Mercúrio

espaço pictórico ou stein und fluss, dobra do espaço e hermes e mercúrio, foram inicialmente pensados para coabitarem suas existências, sendo expostos num mesmo e espaçoso local.

Depois de algum tempo, já realizada a maquete, é que pude perceber que embora a leitura dos três possa nos oferecer uma experiência especial, as características e definições precisas de cada segmento garantem a estes uma completa autonomia e, portanto, cada um poderia ter sua existência solitária e bastante.

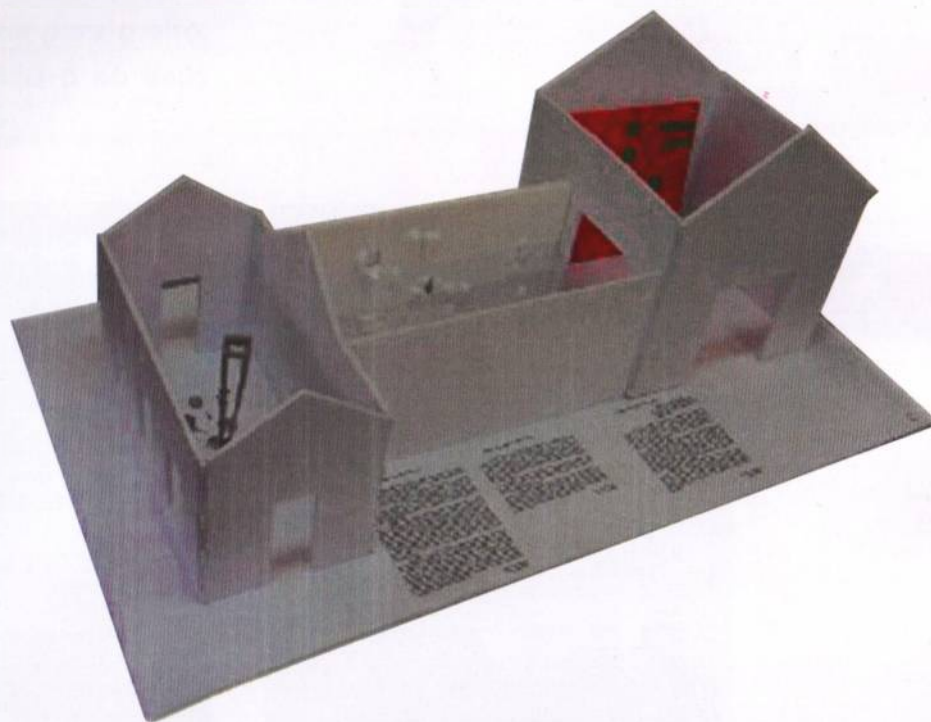
Por este motivo, ao candidatar-me ao programa de exposições, preferi não fazer sozinha qualquer escolha, apresentando então os três projetos, deixando assim livre as possibilidades para a apresentação destes.

Os três tratam de um mesmo problema central e apresentam abordagens relativas aos meios distintos que utilizam, dado que investigo o campo das diversas possibilidades de configuração de um mesmo pensamento.

A questão latente é a coexistência paradoxal das idéias aqui nomeadas Fixo (ordem/ geometria) X Fluxo (devir/ impreciso).

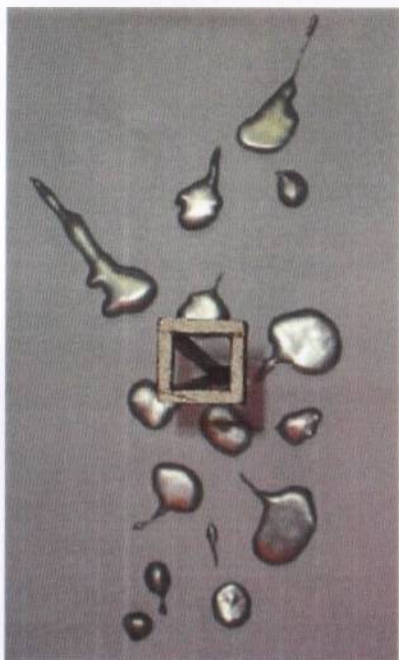
Ao acionar suas lógicas distintas, o paradoxo opera no ambiente da arquitetura, instaurando seu sentido. Neste estão as tensões inerentes à experiência oferecida ao espectador pela construção paradoxal e não dialética, onde pretendemos recolocar a questão sujeito x objeto, relacionando-a com o próprio ser, diante de suas próprias complexidades.

Apresentação



Hermes e Mercúrio

Num espaço fechado coexistem apenas dois elementos. O primeiro elemento, no piso, apresenta-se em poças metálicas de variados tamanhos que remetem a algo derramado e evoca, simultaneamente, os sentidos de fragmentação e de queda. O material empregado é o metal, estanho ou alumínio derretido, de forma que estas poças também se relacionem ao elemento mercúrio, possuidor da condição paradoxal de ser metal e líquido.



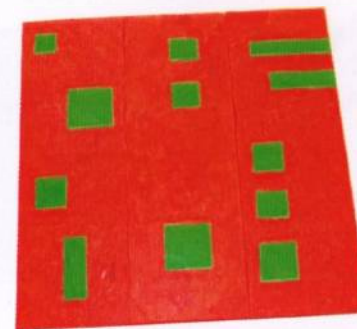
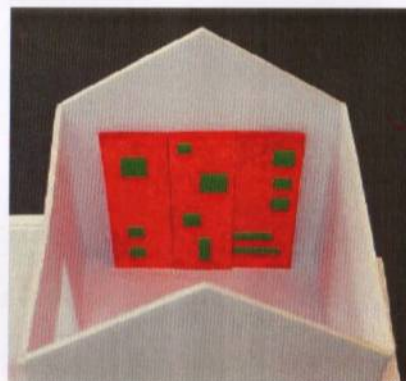
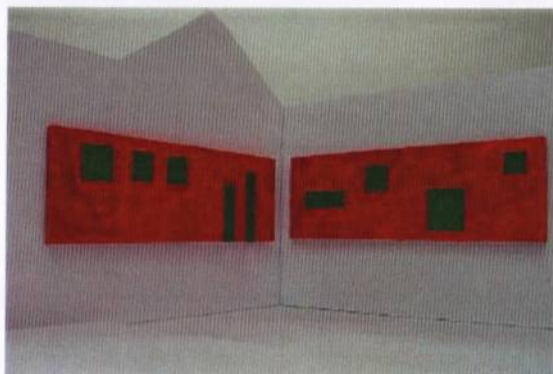
Sobre as poças esparramadas irregularmente, paira o segundo componente do trabalho. A alguns centímetros do chão, uma peça está suspensa. Um sólido geométrico que quase toca as poças prateadas. Sendo vazado, é um volume sem massa que ocupa o espaço sem ocultá-lo. Trata-se de um tronco de pirâmide invertido que possui um corte em cunha próximo ao chão. Este corte projeta visualmente a sua forma para o alto, para o vôo, relacionando-o ao deus alado Hermes/Mercúrio.



A verticalidade suspensa do sólido e os respingos irregulares do metal lançados na superfície do chão, criam a tensão de um confronto de opostos. O fato crucial da obra está no movimento do Hermes, dado estarem localizados em pontos estratégicos dois pólos eletromagnéticos, negativo e positivo, que farão esta se deslocar ininterruptamente.



Espaço Pictórico ou steind und fluss



Encontrar sentidos errantes no vô sem meta, rota ou convergência. O olhar sobrevoa o espaço movente, daí mergulha volta pulsa repulsa tomba e rodopia. Vertigem.

A obra possibilita ao espectador vivenciar uma experiência pictórica radical, que resulta da existência na superfície do plano pictórico do paradoxo Fluxo e Fixo, que aciona, com lógicas distintas, todo o espaço. O elemento Fluxo (devir) é produzido sob a forma de manchas vigorosas e irregulares e o Fixo (ordem) a ele se opõe, com a mesma potência, pelo emprego incisivo da forma geométrica.

Manchas transparentes, em diversas gamas de vermelho, laranja e magenta, animam vigorosamente essa superfície. Formas geométricas na cor verde são superpostas ao grande campo vermelho. Estas formas verdes e espessas estarão dispostas de modo a elevar ao limite máximo o contraste simultâneo das duas cores complementares, assim, durante a nossa percepção da obra, o fenômeno da pós-imagem irá instaurar uma nova cor, virtual e flutuante.

A intenção é permitir ao espectador visualizar o que não foi pintado, mas que será de fato percebido: a imagem movente, descontínua, dinâmica e imaterial

A própria pintura é transmutada em fluxo e seu espaço em movimento. Não mais a pintura restrita ao seu sentido histórico, mas o próprio espaço pictórico em transformação contínua, que lança nosso olhar em uma espécie de vô ou mergulho vertiginoso.

Dobra e Espaço



Numa sala branca pretende-se a idéia de expansão do próprio espaço, através de relevos que alteram a superfície de suas paredes. Estes relevos que avançam ou recuam são brancos, como se fosse uma extensão ou, ainda, a própria movimentação deste plano.

Aqui já não teremos objetos dispostos sobre o plano histórico da parede, mas formas e volumes variados, criando a descontinuidade deste em forma de relevos.

A parede é portanto, compreendida como um campo de força multidirecional, onde a obra se

apresentará liberta de seu resíduo material. Assim, não veremos mais nem o suporte pictórico nem a escultura, mas o próprio espaço que se deforma.

A obra estará organizada visando a percepção da dimensão topológica do próprio espaço e deste modo, se relacionará ao espaço arquitetônico como um todo.

Esse campo perceptivo é analisado como o ambiente da obra, no qual surgem simultaneamente as distintas possibilidades. A lógica do trabalho somente poderá ser apreendida através do deslocamento do espectador pelo

campo. Assim, ao fazê-lo, torna-se parte ativa integrante por projetar neste a sua sombra, proporcionando também a sua imagem ao outro. A obra vai mediar as duas escalas:arquitetônica e humana, propondo uma fenomenologia na relação espaço x tempo que o espectador vivenciará necessariamente.

Os altos e baixos relevos serão executados de forma a garantir que sua matéria ou aparência final esteja totalmente integrada e indistinta da própria parede.